



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8120 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 05 - Estado e Política Educacional

Construindo miragens – A tentativa de materializar velhos “novos” em futuros incertos na Base Nacional Comum Curricular

Ivan Barbosa da Silva - PUC-SP/PPGE História, Política, Sociedade - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Construindo miragens – A tentativa de materializar velhos “novos” em futuros incertos na Base Nacional Comum Curricular

Este artigo discute o conceito de “novo” a partir de fragmentos presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O objetivo geral é analisar excertos da BNCC, principalmente na parte um, que tratam sobre seus fundamentos, de modo a compreender em que medida suas propostas correspondem efetivamente aos conceitos de “novo”, “novidade” e “inovação”. A intenção é questionar o cerne do documento legal a partir do conceito de obsolescência, conforme postulado pela teoria crítica da sociedade. Tem-se como hipótese que, apesar do uso de palavras que implicam modernização e abertura para o novo, a BNCC tende a influenciar a criação de currículos obsoletos.

Para verificar-se a hipótese acima, utiliza-se o referencial teórico da teoria crítica da sociedade da escola de Frankfurt. Tomando esse referencial como base de análise, estrutura-se uma análise filosófica breve sobre possíveis significados do “inovar” e da “modernização” segundo os paradigmas pragmático e dialético para explicar-se o porquê da necessidade política de fazer esta análise dialeticamente. Com o referencial teórico acima e algumas outras análises sobre inovação educacional é feita a interpretação dialética do discurso que remete à inovação na BNCC, principalmente levando em consideração a realidade material que esse documento pode alterar, a que visa construir e aquela na qual foi gestado. Esta última interpretação pode confirmar ou negar a hipótese deste artigo, como se vê nas conclusões.

Primeiramente o artigo traz a título de exemplo Thorstein Veblen (1965, p.179-180) para mostrar o que o paradigma pragmático entende por inovação, em oposição ao entendimento dialético visto em Clarice Boto (1996, p.64). Esta oposição entre pragmatismo e dialética é interpretada por Adorno (1998) conforme segue:

[...] a oposição entre dialética e pragmatismo, como toda oposição autenticamente filosófica, se reduz a nuances, ou seja, à concepção do próximo passo. Para o pragmatista, este passo é a adaptação. Ela perpetua a dominação da mesmice. Se sancionasse isso, a dialética renunciaria à sua própria essência, à ideia de possibilidade. (ADORNO, 1998 p.89)

Este entendimento é fundamental para este trabalho, pois é no que se baseia mormente a análise que segue. Este trabalho também se apoia no discurso de Marcuse (1998) ao acusar a teoria freudiana de obsoleta em razão da mudança da realidade social – conceito de obsolescência que neste artigo se usa para restringir o significado da palavra e permitir confirmar ou não a hipótese acima.

Em seguida procede-se a analisar trechos da BNCC dialogando com Winner (1986), Marcuse (1964), (1999), (1998) e Sebarroja (2017), mostrando que este documento não só pretende não ser político, mas também recorre a termos de significados difusos e superficialmente positivos como “novas formas de existir” (BRASIL, 2017, p. 14), uma “educação integral” que também seja “independente da duração da jornada escolar” (BRASIL, 2017, p. 15), e “uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 7) para defender mudanças curriculares que se propõem a causar efeitos materiais.

No entanto, ao não se posicionar politicamente de forma clara, a BNCC assume uma posição política da qual o artigo trata brevemente, e que diz respeito, entre muitos outros fatores, à relação de alinhamento e, no limite, submissão que o Brasil estabelece com alguns organismos internacionais, especialmente a OCDE e a UNESCO que são citados nominalmente na BNCC como referências pedagógicas, apesar de o documento nunca deixar isso claro. Ao invés de assumir a relação de causalidade, informa que estes organismos e outras entidades adotam um enfoque pedagógico, e que a BNCC adota o mesmo. Todo comprometimento é evitado.

Este uso inespecífico das palavras em um documento que terá efeito material significativo nas vidas e destinos de gerações é, sem dúvida, um artifício para fechar o universo da locução, pois quem poderá se opor à “democracia”, signifique ela o que significar? Com exemplos como esses conseguimos indicar o sufocamento de crítica e indução à adaptação, tal qual trata Marcuse (1964).

O resultado desta análise foi que a BNCC, ao evocar conceitos cujos significados são tratados de modo difuso ou impreciso garante que a crítica não se estabeleça, pois, como demonstrado no artigo, não há contra argumentação “razoável” para uma proposta curricular que defenda os princípios democráticos ou outros quaisquer do mesmo teor. No entanto, o novo, assim como a democracia, são só palavras usadas para atender aos padrões externos cujo valor é dado pelo aparato, ou seja, pelas organizações dominantes do capitalismo tardio conforme eram no momento em que a BNCC foi pensada. Dificultando ao máximo a crítica ao documento, a BNCC garante que o novo do qual trata seja permanentemente um novo do passado e, portanto, um novo que ao ser aplicado já está obsoleto.

Em conclusão, pode-se observar que há uma forte visão utilitarista no documento e que ao defender o objetivo de preparar os currículos para as futuras gerações que viverão o mundo novo, que a humanidade constrói, a BNCC usa palavras do campo semântico da inovação apenas como recursos discursivos, visto que suas propostas possibilitam apenas prepará-las para aceitar a ideia de “novo” que existiu no passado que engendrou a base, considerando que a própria base não se abre à crítica por meio do uso dos recursos acima. Isto confirma a hipótese inicial.

Palavras-chave: Teoria Crítica da Sociedade. BNCC. Inovação. Obsolescência. Política Educacional.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. La televisión como ideología. In: ADORNO, T. Intervenciones. Nueve modelos de crítica. Caracas: Monte Ávila Editores, 1969. p. 75-89.

- ADORNO, T. Prismas: Crítica cultural e sociedade. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, Max. Teoria de la pseudocultura. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Sociologica. Tradução de Víctor Sánchez de Zavala. 2ª. ed. Madrid: Taurus, 1971. p. 233-267.
- BOTO, Carlota. A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- BOTO, C.; AQUINO, Julio. Inovação pedagógica, um novo-antigo imperativo. Educação - Sociedade e Culturas. Dossiê Temático: Epistemologia, ensino e inovação, Porto, n.55, p.13-30, 2019.
- BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. [S.l.]: Psicanalítica educacional, 1930.
- MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. Tradução de Giasone Rebuá. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- MARCUSE, H. A obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, H. Cultura e Sociedade. São Paulo: Paz e terra, v. 2, 1998. p. 175.
- MARCUSE, H. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna. In: MARCUSE, H. Tecnologia, Guerra e Fascismo. São Paulo: UNESP, 1999. p. 73-104.
- OTTONI, Luis. Por que o Brasil quer entrar na OCDE? Para especialistas, há ganhos e perdas. [g1.globo.com](https://g1.globo.com/economia/noticia/por-que-o-brasil-quer-entrar-na-ocde-para-especialistas-ha-ganhos-e-perdas.ghtml), 11 Julho 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/por-que-o-brasil-quer-entrar-na-ocde-para-especialistas-ha-ganhos-e-perdas.ghtml>>. Acesso em: 16 Julho 2020.
- SEBARROJA, Jaume Carbonell. Las pedagogías innovadoras y las visiones de los contenidos. In: SACRISTÁN, Gimeno. Los Contenidos, Una reflexión necesaria. 1ª. ed. São Paulo: Ediciones Morata, 2017. Cap. VII, p. 77-82.
- ULLRICH, Otto. Tecnologia. In: SACHS, W. Dicionário do desenvolvimento. Guia para o conhecimento como poder. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- VEBLÉN, Thorstein. A Teoria da Classe Ociosa (Um estudo econômico das instituições). São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1965.
- WINNER, Langdon. The Whale and the Reactor: A search for limits in an Age of High Technology. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.